

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Programa de Graduação em Sociologia**

**JEFFERSON PEREIRA DE CASTILHO**

**O QUE LEVA UM JOVEM A SER POLICIAL MILITAR NO RIO DE  
JANEIRO?**

**NITERÓI  
2018**

**Universidade Federal Fluminense  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Curso de Graduação Sociologia**

JEFFERSON PEREIRA DE CASTILHO

**O QUE LEVA UM JOVEM A SER POLICIAL MILITAR NO RIO DE  
JANEIRO?**

Monografia apresentada ao Curso de Sociologia da  
Universidade Federal Fluminense, como requisito  
parcial para a obtenção do título de Bacharel em  
Sociologia

**BANCA EXAMINADORA**

.....  
Prof.<sup>a</sup> Dr. Marcelo Pereira de Mello (Orientador)  
Universidade Federal Fluminense

.....  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Carmen Lucia Tavares Felgueiras  
Universidade Federal Fluminense

.....  
Prof. Dr FABIO ROBERTO BÁRBOLO ALLONSO  
Universidade Federal Fluminense

C352q Castilho, Jefferson Pereira

O QUE LEVA UM JOVEM A SER POLICIAL MILITAR NO RIO DE JANEIRO? / Jefferson Pereira Castilho ; MARCELO PEREIRA DE MELLO, orientador ; CARMEN Lucia Tavares Felgueiras, coorientadora. Niterói, 2018.  
32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia)-  
Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2018.

1. PORQUÊ SER UM POLICIAL. 2. MOTIVAÇÃO DOS JOVENS. 3. Produção intelectual. I. Título II. PEREIRA DE MELLO, MARCELO, orientador. III. Lucia Tavares Felgueiras, CARMEN, coorientadora. IV. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais.

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

## DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus amigos que decidiram mesmo as vezes incompreendidos seguir a profissão e com isso tudo que isto acarreta, o faço para vocês, escrevo para vocês, para entender como se dá essa escolha quase sempre ou sempre incompreendida.

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço àqueles que contribuíram de maneira relevante ao trabalho, ao mestre Marcelo Mello, digo que posso dividir minha graduação em duas partes antes e depois de ter estudado com você, obrigado mestre, a todos os professores que me fizeram despertar o senso crítico e tentar mesmo que minimamente sair das explicações comuns, vocês são muitos para serem citados, mas não muitos para serem lembrados e guardados eternamente em minhas memórias, ao mestre Armindo Lajas que aos doze anos me despertou a magia e o jogo de poder que está entrelaçado a vida humana, ao meu chefe Philippe Praxedes que me deu ensinamentos que foram além da vida profissional, aos meus tios e avós, sem seus suportes materiais e emocionais eu não conseguiria, a todos um muito obrigado.



## EPIGRAFE

Porque os policiais são filhos de pobres, provém das periferias, rurais ou urbanas que sejam.

*Pier Paolo Pasolini*

## RESUMO

Este trabalho tem como intuito analisar os fatores motivacionais dos agentes envolvidos, suas aspirações e o porquê de suas ações e escolhas. É farto nos domínios acadêmicos textos que mostram a dinâmica da vida policial, a violência inerente a profissão, as formas de agir e o *ethos* que permeia a instituição, mas faltam trabalhos sobre os indivíduos envolvidos, claro que em nenhum momento será deixado de lado a instituição como formadora de um certo tipo ideal de ação esperada do policial, mas em si o objetivo é trazer para uma análise muito mais mínima e de menor recorte botando o indivíduo no centro das atenções e tendo como norte sua aspiração e o seu desejo ao ingressar e ter uma carreira no quadro da polícia militar do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que o trabalho foi propositalmente escrito para os que no dialeto militar chamam-se de praças, militares de patentes baixas, por mera intuição intelectual acredita-se que tanto o objetivo como as condições de ingresso que diferem praças de oficiais são inteiramente diferentes, ficando para um trabalho posterior a análise motivacional do segundo grupo.

**Palavras-chave:** Policial. Motivação. Carreira. Polícia Militar. Praças. Rio de Janeiro.



## **ABSTRACT**

This work aims at analyzing the motivational factors of the agents involved, their aspirations and the reason for their actions and choices, it is abundant in academic domains texts that show the dynamics of police life, violence inherent in the profession, ways of acting and ethos that pervades the institution but lacks work on the individuals involved, it is clear that at no time will the institution be left aside as forming a certain ideal type of action expected from the police, but in itself the goal is to bring for a much more analysis minimal and less clipping putting the individual in the center of attention and having as its aspiration and desire to enter and have a career in the military police of Rio de Janeiro. It is noteworthy that the work was purposely written for those in the military dialect are called squares, military low patents, by mere intellectual intuition it is believed that both the objective and the conditions of entry that differ from official squares are entirely different, being for a later work the motivational analysis of the second group.

**Keywords:** Police. Motivation. Career. Military police. Squares. Rio de Janeiro.



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>DESAFIOS DE UMA POLÍCIA QUE TENTA SE MODERNIZAR.....</b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b>PERFIL SOCIAL, ASPIRAÇÕES E DESEJOS DOS POLICIAIS.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>UM LUGAR PARA MATAR, UM LUGAR PARA MORRER.....</b>	<b>22</b>
<b>3.2</b>	<b>FATORES MOTIVACIONAIS PARA O INGRESSO NA PMERJ.....</b>	<b>23</b>
<b>3.3</b>	<b>AS MULHERES E A POLÍCIA MILITAR DO RIO DE JANEIRO.....</b>	<b>27</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>29</b>
<b>5</b>	<b>MÉTODOS E TÉCNICAS.....</b>	<b>30</b>
<b>6</b>	<b>REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Antes de entrar de fato no assunto e desenvolvimento da pesquisa é preciso situar mesmo que de maneira breve o leitor no contexto histórico de criação, formação e estabelecimento institucional da Polícia Militar do Rio de Janeiro. No começo da colonização os poderes executivos, legislativos e judiciários estavam reunidos nas mãos dos governadores da cidade desde sua fundação em 1565. Temos durante o governo de Mem de Sá (governando de 1567 a 1572) uma primeira embrionária edição da postura referente à atividade policial que incluía a aferição e fiscalização de pesos e medidas, determinar o justo preço de alimentos e a sanções de penas para o “vício do jogo”.

Em 1626, copiando um modelo existente em Lisboa chamado os *quadrilheiros*, surge um novo tipo de entidade policial, onde suas atribuições iam de recolhimento de impostos sobre casas de pastos, aplicação de multas as tabernas abertas depois da meia-noite, licença para construção de moradias, entre outras funções. Projeto este visto como enorme fracasso e descredito pelo marques de Lavradio em 1760 que fora nomeado vice-rei e representante do Rei de Portugal. Este cria e regulamenta o Corpo dos Guardas e Vigilantes e também organiza uma guarda montada pela cidade. Os vice-reis tinham sob sua responsabilidade o controle de funções administrativas e policias através de “ouvidores gerais” que colaboravam para o trabalho.

Podemos entender que todas essas tentativas ora dos governadores ora dos vice-reis de estabelecer uma organização para distintos fins e com diferentes atribuições foram uma forma embrionária da institucionalização de fato da polícia militar que ocorre com a vinda da família Real Portuguesa para o Brasil em 1808. Onde essas corporações surgem sob uma influência de copiar o modelo europeu, com a criação de corporações policiais, criadas na tentativa de serem uma resposta publica às arbitrariedades produzidas pelo uso da força e pelas intervenções truculentas dos exércitos ao que tange os conflitos sociais, como nos mostra o excelentíssimo Trabalho das autoras (Minayo, Souza e Constantino, 2008). Interessante notar que entre diversas características do Corpo de Guardas Municipais Permanente (nome dado a época ao grupo de patrulhamento ostensivo

criado pela família real) percebemos já então uma clara forma de tentativa de distanciamento das Forças Armadas, quando esta, está submetida ao ministro da Justiça não ao ministro de Guerra. Alimentando-se de recrutas que se alistassem “voluntariamente” e não dos conscritos prática presente até os tempos atuais nas forças armadas.

Em sua formal estruturação o Corpo de Guarda Municipais Permanentes em 1831 (que viria ser um dos muitos nomes dados a polícia militar no Rio de Janeiro) tinha como funções:

1. Patrulhar a cidade, circulando dia e noite
2. Patrulhar individualmente, em duplas, ou em extensas áreas em grupos maiores
3. Prender todos que estivessem cometendo crimes, dando atenção especial ao ajuntamento de pessoas.
4. Revistar suspeitos
5. Autorização de eventos públicos, tendo o poder de prender pessoas envolvidas em motins ou agitações.

Como podemos ver diversas ou todas as práticas e funções do corpo de Guarda Municipais Permanentes em 1831 ainda permanecem presentes como atuais práticas e funções da polícia militar contemporânea.

É de total relevância levantar o questionamento do leitor para que este se pergunte quem de fato contribuía enchendo o quantitativo da polícia militar? Os dados para responder esse questionamento são escassos, mas se apoiando em fragmentos podemos entender que: “agentes da dominação estatal, muitas vezes vítimas do recrutamento forçado e participantes cotidianos dos dramas das vidas da camada de homens pobres e livres” (Bretas,1998: 200) eram os escolhidos em sua maioria de maneira forçada a ser um braço de vigilância e punição de um Estado que não os representava, sendo desprezados pelas classes mais altas e se distanciando da classe da qual pertenciam.

Por mais que possamos nos apoiar na conceituação de Max Weber sobre o Estado como aquele que detém o monopólio da violência legítima, tendo para si diante a importância do fundamental trabalho da polícia nesse papel, ao meditarmos para o processo de criação, normatização e institucionalização do quadro de

funcionários da polícia militar ao longo desses iniciais anos, o que podemos esperar de um profissional que trabalha de maneira forçosa, com baixíssima instrução, recebendo soldos baixos?

Podemos entender que desde sua criação o quadro de recrutamento e condições de trabalho da polícia militar tende estruturalmente a dar errado, tendo a truculência e punição já características notórias desde sua criação.

Destacamos também que historicamente em todos os seus ordenamentos a polícia militar aparece sempre como um apêndice, uma força auxiliadora, do exército, sua estrutura organizacional totalmente hierarquizada questionada internamente por muitos policiais, reflete uma estrutura totalmente desatualizada que em sua grande maioria dos casos não atende aos desejos e reivindicações da opinião pública. Podemos ver isso claramente no logo da Polícia militar do Rio de Janeiro: um ramo de café, um ramo de cana-de-açúcar, duas pistolas cruzadas e acima uma coroa, mesmo passado mais de duzentos anos, refletindo uma polícia desatualizada em sua prática com os anseios populacionais e com a continuação de práticas presentes de um passado horrendo, ao qual a polícia respondia aos interesses unicamente dos grupos dominantes. Respondia ou responde? Fica esse questionamento ao leitor.

## 2 DESAFIOS E MISSÕES DE UMA POLÍCIA QUE TENTA SE MODERNIZAR.

A missão contemporânea da polícia militar podemos encontrar no artigo 144, capítulo III, da Constituição Federal de 1988:

A segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio através dos seguintes órgãos (V) policias militares e corpos de bombeiros militares.

§5: Às policias militares cabem a polícia ostensiva e a manutenção da ordem pública.

§6: As policias militares e os corpos de bombeiros militares, forças auxiliares e reserva do Exército, subordinam-se unido às policiais civis, aos Governadores do Estado, do Distrito Federal e do Território Brasileiro

Nos incisos I ao V, o artigo 144 da Constituição de 1998 estabelece as competências da Polícia Militar:

- a) Preservação da ordem pública; e b) preservação da incolumidade das pessoas e do patrimônio. Tais competências devem ser assim exercidas (inciso V): a) polícia ostensiva; b) caráter militar de ações vinculadas ao Exército e como Força Auxiliar dele; c) de forma subordinada aos governadores.

De acordo com as competências previstas por lei na constituição de 1988, podemos encontrar depois de um duro trabalho de pesquisa no site institucional como nos apresentam as autoras (MINAYO, SOUZA e CONSTANTINO, 2008) como isso se dá na prática diária do trabalho policial, toda a gama de atribuições e papéis desempenhados pela PMERJ são elas:

- 1) Atua contra o crime e a violência, por meio de patrulhamento e de operações de rotina. E, também, na repressão de assaltantes, sequestradores, grupos de extermínio e traficantes, por meio de grandes operações nos locais de homizio de criminosos a fim de prendê-los, apreender armas e drogas em todo o estado
- 2) Realiza patrulhamento motorizado em todos os recantos do estado. Atende, em contato direto com a população, as milhares de pessoas que, em especial durante as madrugadas, a beira das estradas e dos caminhos, solicitam sua ajuda para conduzir ao hospital, enfermos, acidentes e parturientes, não raro, os próprios policiais realizam partos de emergência, até dentro das viaturas.
- 3) Realiza serviço de patrulhamento a porta de escolas públicas e privadas de primeiro e segundo grau, faculdades, como também participa de comemorações cívicas programadas pelas escolas, em todo o estado.
- 4) Trabalha no policiamento das orlas marítimas e nas praias das diversas regiões litorâneas do estado, como na orla da Zona Sul do município do Rio de Janeiro, nas praias oceânicas de Niterói e Maricá (e também da baía de Guanabara), na região dos Lagos, nas praias de Araruama, Saquarema, Cabo Frio e outras, na baía da Ilha Grande, nas praias do sul do estado, bem como nas do Norte, em Campos e São João da Barra. O trabalho é intensificado nos períodos quentes, especialmente no verão, mas é realizado o ano inteiro.
- 5) Além do policiamento nos grandes centros comerciais em todas as cidades do estado, presta serviços nos principais pontos turísticos, inclusive com atendimento especializado para turistas nacionais e estrangeiros, por parte do Batalhão de Policiamento em Áreas turísticas (BPTur)



- 6) Atua no policiamento dos terminais rodoviários em várias cidades do Estado.
- 7) Realiza a segurança dos grandes eventos esportivos, oficiais e públicos, em estádios, ginásios e congêneres, dentro dos locais, do lado de fora, nas adjacências e nos acessos.
- 8) Está presente nos serviços de policiamento de grandes eventos e festas populares, tais como: eleições, Carnaval, Natal, Réveillon, grandes feiras na capital e no estado, em grandes comemorações públicas, convenções e congressos de interesse público, em nível nacional e internacional. No caso das eleições, os policiais militares policiam as zonas eleitorais de todos os municípios do estado, além de fazerem a segurança das urnas e dos locais de apuração até que sessões terminem.
- 9) Controla e orienta o trânsito urbano (em todas as cidades do estado) e rodoviário, nas vias estaduais e municipais, com vistas à fluidez do trânsito e a segurança de motoristas e pedestres.
- 10) Opera na fiscalização e na revista de automóveis, motocicletas, caminhões, táxis e ônibus, em todo o estado, visando a minimizar os crimes contra a vida e o patrimônio.
- 11) Trabalha para a preservação da flora, da fauna e do meio ambiente, mediante as fiscalizações das ações predatórias das pessoas em matas, rios e lagoas de todo o estado. Atua em praias e feiras livres, coibindo a comercialização ilegal de animais por intermédio do batalhão de Polícia Florestal e do Meio Ambiente (BPFMA), que apoia também o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), a Fundação Estadual Engenharia do Meio Ambiente (Feema), a Fundação Superintendência Estadual de Rios e Lagoas (Serla) e o Instituto Estadual de Florestas (IEF).

- 12) Atua no controle de grandes manifestações públicas, passeatas, comícios e outros eventos da mesma natureza, para a preservação da ordem e a fluidez do trânsito.
- 13) Atua na preservação da ordem por ocasião de greves e mobilizações populares, a fim de garantir o direito dos grevistas e daqueles que desejam trabalhar, coibindo os excessos e violência.
- 14) Atua, durante as 24 horas, no serviço de segurança externa de todos os presídios e complexos penitenciários existentes no estado do Rio de Janeiro.
- 15) Realiza, quando os meios do sistema penitenciário são considerados insuficientes, escoltas de presos de alta periculosidade dos presídios aos locais de julgamento e vice-versa.
- 16) Atua, sobretudo para a custódia de presos recolhidos a leitos hospitalares, em hospitais das redes estadual e municipal, em todo o estado.
- 17) Atua, por solicitação, na revista das dependências de presídios e delegacias concentradas de presos, bem como na segurança de delegacias da Polícia Civil, quando ameaçadas de invasão.
- 18) Custodia presos beneficiados com prisão especial por terem curso superior ou por serem advogados.
- 19) Presta serviços nos fóruns de Justiça das comarcas de todos os municípios do estado, garantindo a segurança dos magistrados, promotores, funcionários e do Público.

- 20) Realiza a preservação de locais de crime até a chegada da perícia, às vezes, até mesmo depois e presta serviços também nas interdições judiciais de imóveis, mesmo da Justiça cível.
- 21) Presta serviços a instrução criminal por meio dos seus depoimentos como condutores de presos ou como testemunhos nos inquéritos e processos penais decorrentes da sua ação policial.
- 22) Atua em apoio aos oficiais de Justiça nas situações de reintegração de posse, por decisão judicial em todo o estado.
- 23) Executa a segurança do governador do estado (e dos palácios governamentais), do presidente do tribunal de Justiça, do procurador-geral da Justiça, do presidente da Assembleia Legislativa, bem como de testemunhas, autoridades e pessoas eventualmente sob ameaça.
- 24) Atua em apoio as forças federais, com o emprego de grandes efetivos, na segurança de dignitários nacionais e estrangeiros, como é o caso das visitas do presidente da República ao Rio de Janeiro.
- 25) Atua na segurança de representações diplomáticas instaladas no estado do Rio de Janeiro.
- 26) Permanece em vigília, em equipes, durante 24 horas do dia, os 365 dias do ano, mantendo em funcionamento os diversos centros de operações da operação, instalados em todas as unidades da polícia militar para atender as chamadas da população do 190.
- 27) Constitui ponto de referência no policiamento dos logradouros públicos, em todo o estado, para milhares de solicitações diretas da população, sejam elas para a ação policial estrita, seja para informações e orientações.

- 28) Permanece aquartelada em equipes, durante 24 horas, os 365 dias do ano, para pronto atendimento a situações que requeiram forças de choque ou de operações especiais
- 29) Atua, para a preservação da ordem pública, em caso de saques, quebra-quebras, ocupações e outros, em todo o estado.
- 30) Atua em apoio as autoridades, da Defesa Civil e do Corpo de Bombeiros, por ocasião de enchentes, desmoronamentos, deslizamentos, interdição de estradas e outros sinistros, em todo o estado.
- 31) Colabora com a segurança de outras forças, como é o caso da segurança de policiais civis em delegacias, agentes penitenciárias em presídios e guardas municipais em atuação, até mesmo em áreas onde se localizam organizações militares das Forças Armadas.
- 32) Apoia outros órgãos públicos, estaduais e municipais, em atividades como remoção de mendigos, ação contra camelos, trato com crianças e adolescentes abandonados e população de rua.
- 33) Atua em apoio aos fiscais fazendários e de posturas municipais, quando solicitados, em todos os municípios do estado.
- 34) Atua em todas as campanhas de vacinação de crianças e de animais, bem como, não raro, em campanhas beneficentes.
- 35) Atua, ainda no Programa Educacional de Resistências as Drogas e a Violência (Proerd), de orientação a estudantes, implantado desde julho de 1992.

36) Presta importantes serviços de segurança em várias secretarias de estado e prefeituras e para o Poder Legislativo, Poder Judiciário, Ministério Público e órgãos federais, inclusive militares.

Depois de apresentado toda essa gama imensa de funções que são praticadas pela PMERJ, podemos concluir que: por mais que a institucionalização com atribuições bem definidas tem o objetivo de dar um ar de modernidade, e que a Polícia militar do Rio de Janeiro deseje passar uma ideia a população que é a defensora da ordem e do bem-estar da cidade, pouca coisa difere suas práticas dos tempos coloniais.

A Polícia Militar vive seu dilema histórico ao que tange seu relacionamento com a população, uns a defendem como a salvaguarda de uma ordem estabelecida, e outros a criticam, suas ações mais sagazes contra apenas uma camada da população, a perseguição a grupos específicos entre outros, são apenas alguns pontos do debate contínuo sobre a eficiência e necessidade da Polícia Militar no Rio de Janeiro.

### **3 PERFIL SOCIAL, ASPIRAÇÕES E DESEJOS DOS POLICIAIS**

Antes de mais nada é necessário levar o leitor a pensar e refletir no “perfil social” se possamos assim dizer dos sujeitos estudados ao ingressaram na PMERJ. O que é pretendido ao entrar de forma voluntária por meio do concurso público a uma instituição que tem por característica histórica e social o uso da violência, ao entrar em uma instituição que não só tomará seu tempo, como seu corpo, como um agente que representa a linha de frente das diretrizes de segurança de um estado confuso e sem estratégias a longo prazo definidas como no Rio de Janeiro? Refutaremos a ideia que permeia o senso comum e até de outros trabalhadores policiais, de polícias diferentes como Civil e Federal, onde se tem a ideia que o ingressante na Polícia Militar é o jovem que não tinha mais opção, ou ao qual a PMERJ é sua última opção para assim ter uma vida “estabilizada”. Iremos expor através de entrevistas

obtidas em campo, como isso não está conectado de forma estrutural com a realidade, e quais foram de fato os fatores motivacionais que levaram o ingressante a ser um trabalhador da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

### **3.1 UM LUGAR PARA MATAR, UM LUGAR PARA MORRER**

O título desse capítulo que a princípio parece apelativa, provém de uma das entrevistadas coletadas para a própria elaboração do trabalho e reflete bem o que é e como é a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Em uma pesquisa divulgada pelo site *g1.globo.com* e realizada pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública em 2016 mostra o já esperado e calamitoso dado sobre a PMERJ, onde com 132 mortes no ano, o Rio de Janeiro tem entre todas as polícias do Brasil a polícia que mais morre e a segunda que mais mata perdendo apenas para a polícia do Amapá.

Através de pesquisas qualitativas com policiais militares (praças) ativos no quadro da corporação conseguimos constatar algumas diretrizes comuns onde todos os PMs entrevistados demonstram ao escolher entrar por meio de concurso na Polícia Militar do Rio de Janeiro.

Vale salientar que foi apenas após o regime militar e com a democratização do Brasil que se iniciou a realização de ingresso por meio de concurso público. Nas provas iniciais as matérias exigidas se restringiam apenas a Português e Matemática, mas isso muda em 2010, podemos dizer analisando as provas anteriores de ingresso na PM que o concurso público de 2010 é uma resposta a ao que se espera dos policiais que iriam ser formados posteriormente. Se antes as provas se restringiam a duas matérias, é nesse concurso que temos uma grande mudança tanto na prova de ingresso no quadro como tentativas de mudanças no treinamento e formação do policial em si. Agora um candidato para entrar na PMERJ teria que ter não só conhecimentos básicos de Português e Matemática, mas conhecimentos de Sociologia, Geografia do Rio de Janeiro, Direitos Humanos, História, Legislação de Trânsito e Informática. Isso nos mostra que o comando da PMERJ não está alheio as reivindicações sociais que cobram uma polícia melhor preparada.

Abordaremos agora as características principais recolhidas através de entrevistas que levaram jovens a serem policiais militares, lembrando sempre que a metodologia do trabalho teve como princípio entrevistas com policiais da ativa, vale lembrar que a pesquisa é centrada em policiais chamados de “praças”, policiais de patente baixa.

Antes de mais nada apresento um dado ao leitor, para daí em diante pensarmos o trabalho. Na pesquisa apresentada pelas autoras (MINAYO, SOUZA e CONSTANTINO, 2008) podemos constatar que 57,8% de cabos, soldados e sargentos (nosso grupo pesquisado) se consideram negros ou pardos, e a partir disto podemos pensar na identidade e aspiração do policial militar. A explicação das autoras já mencionadas se dá ao fato que é mais fácil para negros e pardos conseguirem trabalho seguro, acompanhados de benefícios diretos e indiretos, outra explicação dada pelas autoras seria de que a população branca de classe média e alta não consideram a carreira na polícia militar como desejável e adequada, confirmando uma tendência histórica que remonta os tempos coloniais de menosprezo pela profissão nas classes mais altas (BRETAS, 1998). De nenhuma maneira quero me opor a isto, apenas acrescentar se assim podemos dizer aos trabalhos já citados, as motivações pessoais dos agentes entrevistados, como já mostramos existem características motivacionais gerais apresentadas pelos entrevistados, ao qual mostraremos e tentaremos formular uma explicação.

### **3.2 FATORES MOTIVACIONAIS PARA O INGRESSO NA PMERJ**

Neste capítulo disponibilizaremos de fato depois de algumas entrevistas em campo, quais foram as motivações que levaram jovens a entrar de forma voluntária na PMERJ. Trazendo sempre para debate o fato constatado por (BRETAS, 2008) onde mostra que as classes mais altas sempre tiveram um desprezo pela função, e nunca se interessaram em fazer parte do efetivo da Polícia. Se concordamos com (BRETAS, 2008) e apontamos em uma linha intuitiva que ele está certo, a polícia militar é um lugar para jovens menos providos de riquezas, chamamos de jovens já que o concurso para soldado exija que o candidato seja Brasileiro, com idade superior a 18 anos e inferior a 30 anos, tenha peso proporcional à altura, demonstre

aptidão física através de provas praticas, possua grau de escolaridade de Ensino Médio completo, não apresente nenhum tipo de punição se o candidato serviu as Forças Armadas, e passe por uma série de análises documentais, antropométricas, testes de saúde entre outros. Mas afinal o que leva um jovem dentro de uma gama de escolhas profissionais a servir de corpo e alma a corporação que pode lhes tirar a vida? Uma instituição que usando palavras recolhidas em entrevistas o transformará em um corpo que é um alvo?

Em primeiro lugar e de fato que chama a atenção é a segurança de um salário e as facilidades de ser um servidor publico. Por motivos históricos de constituição de nosso Estado, suas funções profissionais, a carreira pública chama a atenção de diversos trabalhadores e estudantes que almejam a estabilidade financeira. Indagado sobre o fato de estabilidade financeira e o exercício de uma profissão de extremo risco que é a Polícia Militar um trabalhador policial nos mostra como essa dinâmica em um primeiro momento confusa se dá:

“Parece até piada falar de estabilidade na polícia militar, mas quando você pensa em entrar pra polícia, você sabe do risco, você ouve conversas de policiais conhecidos aqui e ali, mas parece um caminho fácil pra ter acesso aos financiamentos que só os concursados têm, eu sempre quis comprar uma casa, já pensava em casar na época, vi que entrando para polícia seria mais fácil (...).”(ALMEIDA, Aroldo. Entrevista concedida a Jefferson Castilho, Ilha do Governador, 11 jun. 2018.)

O trecho citado em questão reflete a desconfiança nas oportunidades profissionais que disponíveis para os jovens em questão, somados a desconfianças e dificuldades encontradas nos trabalhadores de pouca qualificação em adquirir bens, como casa própria, carro, etc. Os jovens veem a polícia como uma oportunidade de salários estáveis, e uma oportunidade ímpar de ascensão profissional e social.

Indo além se constata nas entrevistas que muitos dos jovens antes de entrarem para o quadro da polícia militar serviram de maneira obrigatória as Forças Armadas, é sabido que no Brasil os homens ao completarem dezoito anos tem por dever obrigatório o alistamento militar, podendo ficar na “reserva” quando não é



escolhido para o serviço obrigatório, ou quando selecionado ingressa em uma das Forças, seja ela Marinha, Exército ou Aeronáutica. E isso tem um grande papel na escolha da profissão e o desejo em continuar no militarismo ingressando assim posteriormente na Polícia Militar. Se tem a noção e para isso podemos recorrer em como se deu a dinâmica sócio-histórica do Brasil, passando por um regime Militar, onde ser um militar ainda é um desejo de número considerável de adolescentes nas classes mais baixas, como podemos ver na fala de um policial militar que escolheu após dispensa do serviço obrigatório das forças armadas:

“Acho que foi um caminho normal, ouvi desde criança da minha mãe que sonhava em me ver formado, vestindo a farda como meu pai, meus tios são militares, meu pai era militar, entre os meus amigos na época era algo que queríamos, a farda, o propósito, (risos), tudo isso parecia muito lindo quando se tem dezessete anos e tá acabando a escola e vem aquela pergunta: o que eu vou fazer da minha vida agora? Quando chegou a época do alistamento pedi para servir, fiquei quatro anos na aeronáutica. Quando você entra com o alistamento militar sua carreira no quartel é apenas durante um tempo, meus amigos me chamaram pra fazer a prova da Polícia Militar em 2010, já que seríamos dispensados do quartel, estudamos juntos e passamos juntos. Eu nunca pensei na hipótese de ser outra coisa se não um militar, e hoje sou um policial, claro que meu tempo nas forças armadas me ajudaram a tomar a decisão de ser um policial.” (SANTOS, Jurandir. Entrevista concedida a Jefferson Castilho, Ilha do Governador, 02 mar. 2018.)

Como podemos analisar o papel da “cultura militar” está muito presente no imaginário desses jovens e em suas famílias, se tem a ideia de que “ser um militar”, “vestir a farda” é de uma determinada maneira “vencer na vida” e de nenhuma maneira podemos deixar de lado esse fator cognitivo para a tomada de decisões de seguir a carreira na polícia militar, ou seja, não devemos analisar sua escolha profissional apenas por suas decisões e sua trajetória, mas, devemos estar atentos as relações interpessoais que envolvem a decisão, onde ser um militar é uma questão de *status*, uma oportunidade ímpar para ter bens, respeito e admiração em suas relações pessoais.

Em nossas entrevistas também esbarramos no que chamamos de um “sentimento altruísta” por parte de muitos policiais, claro que em menor escala dos citados acima, mas é recorrente nas falas de diversos entrevistados a crença que parafraseando um policial entrevistado: “é no suor do árduo trabalho da polícia, que a sociedade pode dormir descansada.” Podemos imaginar que as ideias externas tenham de fato certas influências nos sujeitos. Se trazermos para elucidar melhor nossa fala, estudos clássicos da Sociologia podemos constatar o que estamos propondo quando ao discorrer a cerca da moral externa que servem de regra aos indivíduos, possuindo um caráter coercitivo e assim determinando ações que parecem singulares em um primeiro momento, assim a moral molda de forma determinante o caráter e as consciências individuais, conquanto o meio físico, as influências individuais atuem entre elas, diversificando-as. (DURKHEIM, 1995, p. 70). Por mais que a sociologia proposta por Émile Durkheim nos pareça rígida e sem espaços para decisões de caráter cognitivo do sujeito, é importante para pensar sua influência ao tratarmos de grupos profissionais fechados como nos mostra (MACHADO, 1995, p.13 e 14) “*é bastante rico para compreendermos a dinâmica de certos grupos profissionais poderosos hoje, como por exemplo, médico, advogados, professores universitários entre outros*”.

E é nessa moral externa que incentiva, certas tomadas de decisões dos agentes envolvidos que queremos nos debruçar para entender o que chamamos de “pensamento altruísta” que influencia, jovens a entrar e encher o quadro a polícia militar. Como podemos ver no trecho da entrevista concedido por um policial para a realização do trabalho:

“(…) sem contar que por mais que tenha suas dificuldades, é gratificante saber que eu posso fazer algo para contribuir para o bem da sociedade, eu lembro que uma cena me marcou quando era criança, meu vizinho sempre espancava sua mulher, uma vez lembro que minha mãe ligou para a polícia e lembro que o carro de polícia chegou e eu olhava pela janela, o policial dar uma dura no cara... são coisas assim que ficam marcadas sabe? Ninguém pensa em morrer quando tá entrando na PMERJ, você pensa em quanto sua vida pode melhorar e nas coisas injustas que você pode mudar.”

(ALMEIDA, Aroldo. Entrevista concedida a Jefferson Castilho, Ilha do Governador, 11 jun. 2018.)

Quando um jovem decide ingressar na carreira de ser um policial, muitos demonstram esse pensamento altruísta de que as ações praticadas pela polícia são de fato para o bem da sociedade, não está em jogo se a polícia é eficaz apenas com alguns setores específicos da sociedade, ou que a prática policial é ineficaz para de fato contribuir com a redução da criminalidade, não é isso que o jovem pensa ao ingressar em suas fileiras, como podemos ver é um “sentimento altruísta”, é um sentimento que somado a outros fatores econômicos e sociais contribuem para a escolha de ser um Policial.

### **3.3 AS MULHERES E A POLÍCIA MILITAR DO RIO DE JANEIRO**

Ao analisarmos como se deu o processo de inclusão de mulheres na polícia militar do Rio de Janeiro, é certo se pensar que podemos destacar dois grandes fatores importantes para tal feito: as mudanças institucionais e a uma demanda social que exigia na época e ainda exige hoje que os antigos meios profissionais dominados pelos homens também seja um espaço para as mulheres, e em resposta a essa demanda a PMERJ viu na inclusão de policiais mulheres em seu efetivo, formando-se assim em 1982 a primeira turma de mulheres da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro um meio de responder esse apelo populacional.

De acordo com informações do site oficial da PMERJ, a corporação tem em seu quadro hoje 47.236 policiais, desse número temos 4.308 mulheres em seu efetivo. Ao ser questionada sobre gênero, oportunidades e o porquê do ingresso na polícia militar temos a seguinte resposta de uma das policiais entrevistadas:

Se eu falar pra você que com 12 anos meu sonho era ser policial, estarei mentindo, sempre me imaginei fazendo muitas coisas, a ideia veio de um amigo, em 2014 estava para abrir o concurso, eu tinha decidido que queria passar em algum concurso público, e ele me falou

sobre por que não entrava para a polícia militar. Eu pensei comigo mesmo: Porque não? Lembro até hoje a cara da minha mãe quando eu disse que tinha passado na prova, ela não acreditou que eu iria mesmo. (...) Esse lance de que polícia não é coisa para mulher é história, eu posso estar onde quiser, claro que houve dificuldades, o tempo do treinamento no CFAP, foi um tempo muito difícil pra mim, mas eu consegui e tenho honra em falar que eu visto a farda da PMERJ para amigos, familiares e pesquisadores, (risos). (Soldado feminina. Entrevista concedida a Jefferson Castilho, Bonsucesso 09 fev. 2018.)

É necessário entendermos que em nenhum momento a questão de gênero está desassociada ou passa despercebido para essas mulheres policiais, o próprio termo como são chamadas dentro da instituição é um termo taxativo que tem o objetivo subjetivo de demarcar o papel da mulher na corporação, toda vez que um policial se refere a uma policial do sexo oposto ele cunha o termo “*fem*”, onde qualquer observador atento sabe que os pronomes de tratamento, sufixos e apelidos são muito importantes para o conhecimento de como se dá a dinâmica de grupos específicos dentro do todo, como nos alerta (ARAUJO, 2017) é um termo que está impresso de significado, demarcando a posição da mulher na instituição, termo que trabalha a favor e contra, muitas vezes usado de maneira jocosa entre os demais policiais.

É interessante pensar que a inserção de mulheres no quadro da PMERJ, foi uma estratégia institucional, que queria desatrelar a visão que a sociedade tinha da polícia no final do regime ditatorial, mas ainda hoje as mulheres encontram diversas dificuldades em progredir nos quadros da polícia militar, encontrando assim as mesmas dificuldades que encontram em diversos ambientes profissionais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tentamos mostrar nessa monografia os principais fatores que levam jovens a ingressarem nos quadros da polícia militar, o objetivo do trabalho em um primeiro momento é combater o senso comum, uma ideia que se tem onde que aqueles que decidem virar policiais, decidem pois essa é sua última escolha, ou porque desejam o “*status*” se assim podemos dizer, que a profissão gera, cabe ressaltar que o

trabalho tem como objetivo apenas um grupo da Polícia Militar, os *praças*, soldados de patente baixa no jargão militar, porque se intui que tanto a classe socioeconômica como os interesses e motivações de praças e oficiais diferem, ficando para um trabalho posterior a análise do segundo grupo.

Se conclui que em um país onde o funcionalismo público é uma saída para a conquista de bens e assim produzindo uma vida melhor, a polícia militar é buscada como uma instituição pública onde se encontrará estabilidade de salários e um emprego vitalício em um primeiro momento.

Logo após se identifica que ser um militar é vencer na vida para os jovens que decidem ingressar na PMERJ e para aqueles que os cercam. O vestir a farda tem quase que um papel mágico no imaginário desses jovens e de suas famílias, talvez seja uma ótima alternativa as poucas oportunidades profissionais que se apresentam aos jovens de classe mais baixas, sem ignorar o fato que durante vinte anos em nossa história a classe de prestígio que controlava os desígnios políticos e econômicos foram os militares e isso de certa maneira contribui para a construção do “vestir a farda é vencer na vida” identificado em muitas falas dos entrevistados.

Talvez o mais contraditório e confuso dos aspectos destacados ao longo da pesquisa seja o que chamamos de “sentimento altruísta”, mas é necessário que o leitor entenda que o aspirante a policial militar em nenhum momento está pensando na pouca eficácia da atuação da polícia, ou que a polícia se mostra violenta apenas para com alguns setores menos desprotegidos de nossa sociedade, a grande maioria nem pensa nesses fatores, muitos dos jovens entrevistados se apegam ao “devir policial”, como o policial sendo aquele que faz o bem, o vigilante e protetor da sociedade.

Destacamos também como historicamente a Polícia Militar do Rio de Janeiro tende a dar errado e as necessidades de modernização de suas praticas, muitos dos entrevistados demonstram um desconforto com a hierarquização e rigidez militar apresentada pela instituição. Lembrando sempre o fato que desde sua criação a polícia militar aparece como uma força auxiliar das Forças Armadas, nos fazendo refletir se esse é o caminho desejado e o único possível para termos uma polícia melhor preparada e cidadã que atenda de fato as necessidades da população.

O trabalho em si, foi a tentativa de buscar uma explicação para o porquê um jovem estaria disposto a ingressar no quadro da Polícia Militar do Rio de Janeiro, demonstrada como a polícia que mais morre em todo o Brasil, cabe destacar que todas as respostas encontradas podem diferir de um pesquisador para outro, e que em nenhum momento é o intuito achar um único denominador para a motivação desses jovens, mas traz a luz uma importante discussão para incorporarmos em todo nosso discurso acadêmico que é compreender o mundo cultural e as relações interpessoais aos quais esses jovens estão inseridos, para daí pensarmos o porquê de fato um jovem com uma gama (ou não) de oportunidades a sua frente decide entrar para a “fábrica de monstros” que é a Polícia Militar do Rio de Janeiro.

## **5 Métodos e técnicas**

O recurso metodológico básico que estruturou toda a pesquisa, foi um número estabelecido de perguntas, aos quais se deram em mais de 20 entrevistas entre policiais do sexo masculino e feminino. Meu objetivo era entender o porquê um jovem decide entrar em uma instituição onde a morte parece um caminho não tão distante. Tem antes de mais nada, todo um caráter emocional, já que muitos dos entrevistados eram amigos que decidiram investir nessa carreira incompreendida que é a do policial, cabe ressaltar que em todo momento tentei dar ênfase a uma análise mínima, a uma análise cognitiva para entender quais eras os marcos simbólicos e culturais que influenciavam os pesquisados. Ressaltando que muitos entraram na PMERJ muito jovens ainda, saindo do serviço obrigatório, e os que vieram do mundo profissional, destaca-se o fato de que nenhum tinha uma remuneração maior que dois salários-mínimos, nos fazendo chegar a conclusão conforme o poeta Paolo Pasolini citou em seu poema que é uma crítica ao movimento comunista Italiano, lotado de jovens ricos: “Porquê os policiais são filhos de pobres, e provém das periferias urbanas ou rurais que sejam”.

## 6 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, G. *O NOVO (e Precário) Mundo do trabalho: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo*. São Paulo, 2000.

AMADOR, F.S. et. al. Por um programa preventivo em saúde mental do trabalho na Brigada Militar. *Psicologia: Ciência e Reflexão*, 2002

BECKER. H.M. *Métodos de Pesquisas em Ciências Sociais*, Hucitec, 1994

MARTINS, José de Souza. *Florestan: sociologia e consciência social no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1998.

BRETAS, M.L. A polícia carioca no Império, *Estudos Históricos*, 12(22):219-234, 1998

ARAUJO, Tatiana Dos Santos. Mulheres em Fardas Policiais Militares no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 74-96, fev./mar. 2017.

FELIPE, Jonis Manhaes Sales. PROFISSÕES, CORPORAÇÕES E MORAL NA SOCIOLOGIA DE ÉMILE DURKHEIM. *Perspectiva online*, Campo dos Goytacazes, v. 12, n. 5, p.17-24, jan./fev. 2015. Disponível em: <[seer.perspectivasonline.com.br](http://seer.perspectivasonline.com.br)>. Acesso em: 07 jul. 2018.

HOLLOWAY, T.H. *Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX*, Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997

MINAYO, MCS, SOUZA, ER., and COSNTANTINO. p., coord, *Missão prevenir e proteger, condição de vida, trabalho e saude dos policiais militares do Rio de Janeiro*, Editora FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2008.

DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. 1885 ed. São paulo: MARTINS FONTES, 1995.